

LABORATÓRIOS TUPINIQUINS:

PRODUZINDO MOEDAS, CULTURAS E OUTROS BICHOS

Introdução

O presente trabalho parte basicamente de duas inquietações. Uma delas é minha curiosidade por entender melhor experiências que circulam em diferentes localidades brasileiras onde se utiliza e se faz a gestão de moedas próprias, muitas vezes chamadas “moedas sociais”, impressas ou com o apoio de sistemas de informação.

Tais proposições vão de encontro quase que frontalmente a certas ideias / crenças / percepções popularmente verbalizadas, de que o dinheiro é “o mal da humanidade”, que “amigos amigos, negócios à parte”, que “tudo vai bem até que entra o dinheiro na história”. Pessoalmente, já ouvi essas afirmações – donde nasce a segunda inquietação - tanto em círculos de pessoas mobilizadas por “transformações sociais”, como de pessoas com baixa escolaridade ou de gente com padrões de vida considerados altos – fazendo crer, num primeiro momento, que sejam valores que circulam com razoável facilidade no Brasil de hoje, quem sabe mundo afora.

Tomadas essas duas inquietações, a proposta deste breve trabalho é realizar uma primeira aproximação deste pesquisador com a construção de redes/mercados brasileiros relacionados ao estímulo / à produção de cultura, redes essas em que as chamadas moedas sociais estão presentes ¹.

Cards e outros objetos novos - e fora do eixo

Moedas nacionais não são naturais. É necessário um árduo trabalho/investimento para que elas existam, mantendo sua credibilidade e circulando: programas de inclusão na rede bancária, impostos a serem pagos em Reais, operações de salvamento dos bancos pelos governos etc. Sem esses e outros

¹ Moedas sociais estão em geral relacionadas ao conceito de economia solidária. Mais em http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp (Ministério do Trabalho e Emprego) e <http://www.fbes.org.br/> (Fórum Brasileiro de Economia Solidária). Acesso em 02 set. 2013.

investimentos, as redes em que tais moedas circulam se desfazem. Basta mudar de país, ou mesmo ir para regiões no próprio país onde essas redes são mais falhas (por exemplo, quando o dinheiro fica escasso), para percebermos que as moedas deixam de ser “naturais” fora dessas redes. Aí, outras alternativas, outras redes, outras moedas aparecem.

Entre as experiências brasileiras de moedas sociais, estão algumas ligadas à produção / promoção locais de cultura, mais conectadas aos territórios (JATOBÁ, 2013) e/ou a propostas autorais do que com formatos mais reprodutivos dos grandes circuitos culturais (como no caso das bandas *covers*) (LENZA, 2013). É o caso dos Cards, do Circuito Fora do Eixo, e do recém-lançado espaço virtual na plataforma Corais².

Para investigar como essas redes tentam se estabelecer e se expandir, faço a opção de tomar emprestada parte da metodologia proposta por Bruno Latour (2000) para investigar o crescimento e a estabilização das redes científicas, com seus laboratórios e novos objetos ali produzidos. O autor recomenda estudar

“fatos e máquinas enquanto estão em construção; não levaremos conosco preconceitos relativos ao que constitui o saber; observaremos o fechamento das caixas-pretas tomando o cuidado de fazer a distinção entre duas explicações contraditórias desse fechamento, uma proferida depois dele, outra enquanto ele está sendo tentado.” (LATOURE, 2000, pág 31)

Seguindo os conselhos de Latour, é importante considerar sem preconceitos elementos heterogêneos, de todo tipo, e como eles atuam na estabilização (ou na falta de estabilidade) de uma rede. Preferencialmente, vale também localizar o momento de construção de um fato ou artefato, possibilitando assim o trabalho de entender como um fato/artefato torna-se uma “caixa-preta” - quando uma tecnologia ou um conhecimento que parece não necessitar ser explicado, sendo quase que “natural”.

Se investigássemos o Real, hoje um artefato razoavelmente estável, provavelmente teríamos que lembrar os idos de 1994, quando a moeda brasileira não passava de uma promessa de estabilidade da economia brasileira, para uns, e mesmo uma ficção, para outros. Já no caso dos Cards, cabe retornar a 2002, em Cuiabá-MS, onde um grupo de estudantes de comunicação começa a compartilhar não só uma casa, roupas e dinheiro, mas também o propósito de “mudar o cenário cultural da cidade”, “se entendendo como um laboratório” (LENZA, 2013). Neste

2 Disponível em <http://www.corais.org/conchativa>. Acesso em 02 set. 2013.

laboratório, são iniciadas diversas experiências, como na ideia de

“*coletivo*³ (...) [onde] as cinco pessoas (...) [que] moravam junto, faziam tudo junto, lazer, trabalho (...). A gente começa a atuar dentro desse cenário cultural [de Cuiabá] com uma linguagem própria. Desenvolver os nossos próprios projetos, trabalhar em cima de nossas próprias demandas (...) Qualquer coisa que cada um receber aqui, a gente põe nesse *caixa coletivo* pra gente decidir coletivamente (...). [No] guarda-roupa coletivo (...) minhas roupas estão disponíveis para qualquer um que faz parte daquele coletivo.” (LENZA, 2013)

Lenissa Lenza, uma das fundadoras do espaço que veio a ser batizado como Espaço Cubo, menciona duas categorias importantes (coletivo e caixa coletivo) para o Circuito Fora do Eixo (FdE), este fundado pelo grupo três anos mais tarde, em 2005. Mas não são as únicas:

“Muitas pessoas entravam, e iam ali uma vez por semana, ou três vezes por semana (...) e não tinha responsabilidade com o coletivo (...). Vem aqui, usufrui de tudo, não deixa nada e apita em tudo! (...) No terceiro mês a gente já sentiu esse baque: (...) não tem dinheiro, o aluguel tá atrasado (...) O que a gente faz? (...) Ao mesmo tempo que a gente não quer (...) desestimular essas pessoas (...) era uma questão de sobrevivência a gente se organizar minimamente (...) e explicar pras pessoas que existe um *núcleo durável* aqui, que existem umas regras básicas e que todo mundo (...) vai ter que entrar nessa engrenagem, inclusive pra estar decidindo junto com a gente quais são essas regras (...). Então a gente começa a criar esses mecanismos: (...) núcleo durável (...) [são] pessoas que têm uma dedicação integral ou exclusiva para o processo (...). Tem que ter uma coerência, senão as pessoas se desestimulam também (...) O maior ativo que a gente tinha era estímulo pra ver a parada acontecer.” (Lenissa, 2013)

Da rede onde surgem os Cards, emergem também outras categorias, resultados de experiências do laboratório “Espaço Cubo”, num ambiente onde “a intuição e o empirismo” eram mais importante que o planejamento (Lenissa, 2013). O chamado *núcleo durável*, composto por cinco a dez pessoas, foi a resposta encontrada para conciliar a viabilidade de funcionamento do coletivo frente aos diferentes níveis de participação daqueles muitos que por ali passavam (Lenissa, 2013) – um ponto polêmico, como veremos adiante.

Por ora, vale enfatizar o ambiente “intuitivo e empírico” de onde surge o modelo de moeda social dos Cards. Ele é construído numa “pegada autoral”⁴, mesmo sem

3 Utilizo aqui o recurso do *itálico* para destacar termos que julgo importantes para a presente pesquisa.

4 Lenissa (2013) descreve um cenário em Cuiabá em que “músicos eram contratados [por artistas mais famosos] (...) ou davam aula (...). A gente tinha uma preocupação com desenvolvimento de cenário, (...) com política pública (...), queria mudar algumas estruturas (...). Começamos a agregar algumas bandas (...) independente do estilo (...) desde que viessem com essa pegada autoral”.

estar articulada com outras experiências conectadas à economia solidária:

“Com a gente é ao contrário [do que acontecia em geral em Cuiabá]: você só vai ter espaço se você fizer a sua música própria’. Foi a primeira *política afirmativa* que a gente estabelece ali (...). Todo mundo se empolga muito com a ideia (...), a gente com um estúdiozinho, começa a agregar um monte de banda, que vai lá pra ensaiar, que vai lá pra gravar sua demozinho (...). A moeda a gente cria em 2004. A gente não tem dinheiro, tem um monte de trabalho (...). Cenário próprio, evento próprio, porque não uma moeda própria? (LENZA, 2013)

Dialogando com Bruno Latour, é possível propor que, para além dos *Cards*, as *políticas afirmativas*, o *núcleo durável*, o *coletivo* e o *caixa coletivo* são todos candidatos a *objetos novos* que emergem do laboratório Espaço Cubo. Como veremos mais adiante, com a criação de outras Casas FdE - inspiradas no Espaço Cubo - e a expansão da rede FdE, tais objetos (tratados como “tecnologias” e “aplicativos” pelo FdE (Lenissa, 2013)) ganham significados, cartilhas explicativas e se robustecem, num percurso análogo aos “[o]bjetos novos [produzidos nos laboratórios científicos, que] transformam-se em *coisas* (...) isoladas das condições do laboratório que lhes deu forma” (LATOOUR, 2000, pág. 151).

Retornando aos *Cards*. Segundo Lenissa Lenza (2013), o Espaço Cubo faz a moeda com o “princípio [na] (...) troca de produto, serviço ou conhecimento (...) É troca, é o escambo. (...) É simples assim. Por que a gente faz isso? Porque a gente não tinha dinheiro.” A moeda surge como um facilitador para trocas entre trabalhos do coletivo (como uma gravação para uma banda (LENZA, 2013) ou uma consultoria para a realização de um evento (CARTILHA, 2013) e de um artista (como fotografia (CARTILHA, 2013) ou o show de uma banda). Os “juros, (...) o capital especulativo, [o] (...) dinheiro que produz dinheiro” (LENZA, 2013) ficam de fora desse circuito.

Pablo Capilé (CAPILÉ, 2013), outro dos fundadores do Espaço Cubo, lembra que cada banda recebia “300 cubos” ao tocar, e com esse dinheiro poderia ter serviços como *release*, ensaio e gravação. Uma curiosa “experiência balizadora para trocas solidárias [foi] com o movimento hiphop: (...) vocês gravam a coletânea e nós ligamos essa luz [que tinha sido cortada] pra vocês” (CAPILÉ, 2013).

A moeda também pode circular em eventos produzidos por um coletivo FdE, em que “quem tem Card paga com Card, quem tem Resl paga em Real” (LENZA, 2013). Se alguém prestou um serviço ao coletivo, anteriormente ao evento, e ficou com a moeda Card, pode usá-la para consumir de um fornecedor (de lanches, por exemplo) durante o evento; a organização combina com os fornecedores o quanto

eles poderão aceitar em Cards, a depender do montante disponível em Reais pela organização (que pode ter sido captado por meio de um edital, por exemplo), para trocar os Cards recolhidos pelos fornecedores por Reais, ao final do evento. Um fornecedor pode também aceitar mais Cards do que a organização tem capacidade de trocar, e nesse caso o fornecedor terá que trocar seus Cards por serviços do coletivo futuramente, ou mesmo pagar com Cards pelo aluguel do espaço no festival (LENZA, 2013).

A aceitação do dinheiro alternativo pelas partes e o fechamento das contas, tanto no dia a dia do coletivo como nos festivais, são etapas delicadas e sensíveis para manter a rede estável, e para que a moeda circule como uma caixa-preta: “A moeda só consegue vingar em cima da confiança. O maior lastro que a gente tem é a confiança” (LENZA, 2013). E o desafio se amplia na mesma medida em que se ampliam as redes e as possibilidades de uso da Internet como mediadora de moedas – é o que veremos nos próximos capítulos.

Conchas na Internet, a mãe dos independentes

Lenissa Lenza lembra de quando se deram conta das possibilidades de uso da Internet para o processo:

“a primeira banda independente de fora que a gente levou pra Cuiabá (...) foi o Autoramas⁵. (...) Cara, foi uma surpresa maravilhosa (...), o pessoal cantava de cabo a rabo (...). Lógico, a Internet. (...) Ali, estava caindo a ficha. (...) Tanto que no próximo ato [que fizemos], o tema foi 'Internet, a mãe dos independentes'”. (LENZA, 2013)

Se em 2003 em Cuiabá, a Internet entra em nossa história por ser uma espécie de atalho entre bandas “independentes” e o público, sem passar por grandes estruturas como as gravadoras, em 2013 em Pernambuco a “grande rede” aparece por outro caminho. Ao invés de imprimir sua própria moeda – como fez o Espaço Cubo -, a Produtora Colaborativ@.PE começa a fazer “circular” no território da UFPE uma moeda digital.

Cena 1

Joana, estudante da UFPE, achava que seria uma ótima se sua

5 Mais em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Autoramas> . Acesso em 02 set. 2013.

banda tivesse um registro em vídeo dos shows que tem feito, mas eles não tem ainda recursos para bancar. Tarciana e Leonardo, também da banda, trouxeram a ideia de negociar com o pessoal da Colabor@tiva.PE, que está oferecendo serviços numa moeda chamada Concha. E lá estão eles, após darem uma olhada no portal que registra as transações em Conchas, conversando com Pedro, da Colabor@tiva.PE, propondo tocar em um evento e apoiar no som, em troca de um registro fotográfico e em vídeo. A negociação é feita, e ficam com 30 Conchas de crédito no sistema.⁶

Nessa versão de moeda social, via o sistema web Corais, surge uma primeira diferença em relação à circulação da moeda impressa: clicando “no ícone 'moeda social', você tem todas as transações financeiras feitas com a moeda (...). Seu saldo, seu extrato, suas transferências, (...) [tudo isso] é público e acessível a qualquer usuário de internet”, aponta Pedro Jatobá (2013), integrante da Colabor@tiva.PE. Essa “estratégia meio radical de gestão de crédito solidário” busca uma transparência que dificulta a ocorrência de problemas como o roubo de senha e o posterior uso indevido das moedas (JATOBÁ, 2013). Tudo fica registrado, inclusive as doações entre usuários não participantes da Colaborativ@.PE, também prevista no sistema.

A rede das Conchas inclui a Produtora Colaborativ@.PE, o primeiro coletivo permanente a implementar o que Pedro chama de Produtora Cultural Colaborativa (PCC). Uma PCC temporária ocorreu no Fórum Social Mundial de 2009, com “seis a oito pontos de cultura, transmissor de rádio, som, câmera, computador, impressora. A gente conseguiu fazer registros de artistas, oficinas de cultura digital e apresentações artísticas”. Em sua metodologia, a PCC já previa a dinâmica de “troca de serviços, culturas e saberes”, mas somente em 2010 a Colaborativ@.PE começa a ser montada de forma permanente, em 2012 consegue uma parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em 2013 faz circular a moeda social Conchas (JATOBÁ, 2013)⁷, um “[p]rojeto de organização econômica e social proposto pela Produtora Colabor@tiva.PE para autogestão da Concha Acústica da Universidade Federal de Pernambuco”⁸.

6 Cena baseada nas tabelas de ofertas (<http://www.corais.org/conchativa/node/76660>) e de demandas (<http://www.corais.org/conchativa/node/76663>) da Colabor@tiva.PE, e de transações já realizadas em Conchas (www.corais.org/conchativa/exchanges).

7 Segundo Jatobá (2013), hoje há sete coletivos utilizando a metodologia da PCC, sendo que três usam moedas sociais. Além da Colaborativ@.PE (com dezesseis integrantes com dedicação de 20h/mês), o Teatro Vila Velha, em Salvador, também utiliza moeda virtual na plataforma Corais (mais em <http://www.corais.org/livre>, acesso em 05 set. 2013)O Banco Muiraquitã, em Santarém, usa moeda de barro (mais em <http://www.aredede.inf.br/noticias/959-banco-muiraquita-do-coletivo-puraque-ganha-premio-de-tecnologia-social-da-fundacao-banco-do-brasil>, acesso em 05 set. 2013).

8 Disponível em www.corais.org/conchativa/exchanges. Acesso em 05 set. 2013.

Caso alguém duvide do funcionamento das Conchas, Pedro Jatobá mostra as tabelas e listas no portal Corais. Por exemplo,

“aí estão todos os tipos de serviço que a produtora tem interesse, demandas. (...) Por exemplo, quem limpar a produtora uma vez por semana durante um mês, ganha 20 Conchas. Quem trabalhar em dois eventos em apoio à comunicação, ganha 50 Conchas”. (JATOBÁ, 2013)

As *inscrições* geradas no portal revelam as transações ocorridas no mundo real. Na realidade, não seria exatamente isso, já que sem o portal (que embute o código do programa que o faz funcionar, a rede de telecomunicações, os equipamentos que nos permite acessá-lo etc.) as transações provavelmente não ocorreriam, ao menos das maneiras que o portal permite/restringe. Aqui vale a analogia da experiência com a moeda virtual Conchas novamente com os laboratórios científicos: “Está duvidando do que escrevi? Deixe-me mostrar-lhe.” (LATOUR, 2000, pág. 107) diria um cientista ao ser questionado sobre um gráfico em um artigo científico. E levaria o discordante ao laboratório e ao instrumento que produz tal inscrição, que torna visível e faz circular algo que ocorre no laboratório.

O portal Corais também torna visível algo que ocorre na UFPE, por meio das tabelas de ofertas e de demandas da produtora, bem como a lista de transações já realizadas. E, simultaneamente, faz os serviços/produtos/saberes circularem mais facilmente na UFPE, além de fazer a própria experiência circular em circuitos mais distantes. Um discordante desconfiado poderia argumentar que, por outro lado, o portal faz a experiência ser altamente dependente de tecnologias da informação. De fato, concordaria Pedro Jatobá, mas a moeda virtual tem vantagens como ser menos sujeita a falsificações, a perdas e aos problemas de estocagem (JATOBÁ, 2013).

Outro discordante das moedas sociais poderia afirmar que essa produção de moeda não tem base, não tem lastro, e portanto não poderia dar certo. Jatobá concordaria que se não tivesse lastro poderia ser gerada uma “crise de credibilidade”, caso a produtora não conseguisse dar conta do montante de Conchas em circulação. Mas não é o caso, pois a produtora tem lastro, exibido no portal: 11000 Conchas é o total mensal de capacidade de trabalho (soma de produtos, serviços e saberes, sem possibilidade de conversão em Real), e não há nem 3000 Conchas em circulação – o que permite até oferecer empréstimos (hoje de no máximo 1000 Conchas) (JATOBÁ, 2013)⁹.

9 Vale dizer que a produtora não trabalha somente com moedas sociais. Quando negociam com empresas ou governos, o fazem em reais (como no caso da cobertura do evento Expoideia). Na

Porta-voz das Conchas e da Colaborativ@.PE, Pedro Jatobá mantém seus vínculos com as transações em Conchas, com o portal Corais, com a Colaborativ@.PE etc resistentes às possíveis discordâncias, robustecendo a experiência. Assim como nos laboratórios científicos, tais vínculos podem ser testados em *provas de força* para verificar se, ao final, os *objetos novos* resistem. As Conchas, e o portal Corais, à primeira vista parecem estar resistindo a seu primeiro ano de vida.

Expandindo e disputando redes

A Internet está sendo essencial para as Conchas, e teve grande importância para a expansão da experiência dos Cards, e de sua rede, de Cuiabá para diversos outros cantos do país¹⁰, facilitando a troca de informações a distância. Mas não somente: o Circuito FdE também conseguiu um considerável *acúmulo de conhecimento*. Aqui, dialogamos novamente com Latour (2000, pág. 357), para quem

“o que se chama de 'conhecimento' não pode ser definido sem que se entenda o que significa a aquisição do conhecimento. Em outras palavras, 'conhecimento' não é algo que possa ser descrito por si mesmo ou por oposição a 'ignorância' ou 'crença', mas apenas por meio do exame de todo um ciclo de acumulação: como trazer as coisas de volta a um lugar para que alguém as veja pela primeira vez e outros possam ser enviados para trazer mais outras coisas de volta. Como familiarizar-se com coisas, pessoas e eventos distantes?” (LATOURE, 2000, pág. 357)

Lenissa Lenza descreve o processo de acúmulo e troca de experiências no FdE:

“(...) O coletivo Espaço Cubo criou um *aplicativo*, que é uma moeda própria [, por exemplo]. (...) Quer tentar aí? Ah quero, como é que faz? É uma troca de experiências. A rede FdE inteira funciona assim. (...) O que o [Espaço] Cubo demorou sete anos pra fazer, o Massa Coletivo, de São Carlos, demorou um ano.”

relação com artistas ou outros pontos de cultura (“quando os dois lados não tem dinheiro”), tentam a troca direta, o escambo – sobre essa possibilidade, Pedro esteve envolvido na construção e no lançamento do sistema Escambo (www.escambo.org.br), no último Fórum Internacional de Software Livre – mais em <http://www.iteia.org.br/videos/espaco-escambo-no-fisl-14-demonstracao-e-como-funciona>. Acesso em 05 set. 2013. A moeda social funciona quando o escambo “não se encaixa” (Jatobá, 2013).

10 Pablo Capilé (2013), comparando número dos anos de 2006 com 2012 do FdE, afirma que saltaram de 200 para 40.000 os “artistas circulando” n rede; de 4 para 450 festivais em praça em 370 cidades diferentes; de 200.000 reais para 80 milhões de reais movimentados; de 1 moeda complementar para 80 moedas; de 5 para 300 cidades.

Assim, cada coletivo pode ter uma moeda com nome próprio, e o FdE Card é como o FdE “narra” essas moedas, sendo um “selo”; também foi constituído um Banco FdE, que não seria um Banco Central, mas como um conselho de todos os bancos dos coletivos em que se troca experiências (LENZA, 2013).

À primeira vista, o acúmulo, a sistematização e o compartilhamento de conhecimentos dentro da rede, frutos das experiências nos coletivos, são de fundamental importância para a ampliação do FdE. “A gente tem cartilha pra quase tudo”, ressalta Lenza (2013). Guardadas as devidas escalas e proporções, é possível propor que esse ciclo de acumulação é tão importante para a rede FdE quanto os ciclos narrados por Latour o são para as redes científicas.

Sobre essas redes, científicas, Latour chama a atenção para os investimentos necessários à sua manutenção e expansão, bem como para o quanto as visões de mundo são dependentes das redes em que estamos imersos, conectados:

“A situação das ciências é exatamente a mesma do gás, da eletricidade, da TV a cabo, da rede de água ou de telefone: em todos os casos, é preciso estar “ligado” a uma rede que é cara e deve ser mantida e expandida. (...) Para fazer um estudo desses é absolutamente necessário nunca atribuir a nenhum fato e a nenhuma máquina a mágica habilidade de sair da exígua rede em que são produzidos e na qual circulam”. (LATOURE, 2000, pág. 420)

Quando estamos imersos em uma rede, dificilmente refletimos sobre os fatos e artefatos que ali circulam – sejam eles os Reais, a noção de propriedade intelectual, a separação entre vida pessoal e trabalho ou a forma de se produzir artefatos. Os momentos em que (arte)fatos saem de suas redes, ou quando redes diferentes se cruzam, são oportunos para acusações de estranhezas, absurdos e irracionalidades. É o que parece ter ocorrido recentemente com (ao menos parte das) reações às formas de organização do FdE ¹¹.

Longe de propor que não se investiguem denúncias (por exemplo, de mal uso de dinheiro público, já que os coletivos FdE concorrem a editais, inclusive públicos, ou

11 Por conta especialmente das manifestações em grande parte do Brasil em meados de 2013, um coletivo oriundo do FdE, a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – mais em <https://www.facebook.com/midiaNINJA>, acesso em 05 set. 2013) e o próprio FdE ganharam grande repercussão na opinião pública. Mais em <http://www.ebc.com.br/cultura/2013/09/fora-do-eixo-e-midia-ninja-sao-tema-de-debate-na-camara> e em <http://www.oesquema.com.br/trabalhosujo/2013/08/06/a-integra-do-roda-viva-com-o-bruno-torturra-da-midia-ninja-e-o-pablo-capile-do-fora-do-eixo.htm>. Acesso em 05 set. 2013.

da formação de cúpulas ou da não remuneração de bandas¹²), parece prudente considerar a analogia com laboratórios, com experiências, que por vezes falharão. Como considera Bruno Torturra (2013), do coletivo Mídia NINJA, o FdE é um espaço de debate, muito contraditório; ele é um laboratório e erros vão acontecer. Com relação aos Cards, em Cuiabá, o próprio Capilé (2013) admite que houve erros: “tínhamos milhares de moedas na rua, mas não tínhamos tantos serviços assim”¹³.

Nessa primeira inteiração com experiências brasileiras que propõe moedas sociais como artefatos que podem fortalecer redes produtoras de cultura, além de inúmeros pontos a serem aprofundados (como os instrumentos usados pelo FdE, os critérios para entrar e permanecer nos núcleos duráveis das Casas FdE, bem como uma eventual concentração de poder nesses núcleos, e o acompanhamento dos próximos capítulos da Colaborativ@.PE), saltam aos olhos as disputas entre redes, entre diferentes visões de mundo. O que pensar diante de propostas que refazem as fronteiras do indivíduo, ao quebrar o sigilo bancário (JATOBÁ, 2013), ou ao compartilhar roupas e o próprio dinheiro (LENZA, 2013), ou ainda ao criar e fazer circular novas moedas? Em meio a acusações, cabe ponderar dialogando com o comentário de Latour (2000, pág. 324) sobre o cruzamento de redes científicas com outros sistemas de conhecimento: “[n]inguém está acusando ninguém de irracionalidade, mas ainda estamos lutando para viver em mundos diferentes”.

12 Sobre algumas acusações da cineasta Beatriz Seigner, ver <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/cineasta-rompe-o-silencio-e-denuncia-como-trabalha-o-fora-do-eixo-a-seita-que-esta-na-raiz-da-midia-ninja-ela-acusa-a-exploracao-de-mao-de-obra-similar-a-escravid/>. Acesso em 05 set. 2013.

13 Sobre acusação de “calote” em Cards, ver http://www.reportermt.com.br/index/noticias/id-33681/quot_grupo_fora_do_eixoe_39_deixou_rastro_de_calotes_na_origem__em_cuiaba. Acesso em 05 set. 2013.

Referências bibliográficas

CAPILÉ, Pablo, 2013. [Sobre o Fora do Eixo] Entrevista a Encruzilhadas – ZL Vórtice. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=QqN1xcSiJPY>> . Acesso em 10 set 2013.

CARTILHA Monte sua moeda. Disponível em <<http://foradoeixo.org.br/files/2013/08/Cartilha-Monte-sua-moeda.pdf>> . Acesso em 08 set 2013.

CUBO CARD. Disponível em <<http://cubocard.blogspot.com.br/>> . Acesso em 10 set 2013.

FORA DO EIXO. Disponível em <<http://foradoeixo.org.br/>> . Acesso em 02 set 2013.

JATOBÁ, Pedro, 2013. [Sobre as Conchas e a Colaborativ@.PE]. Entrevista concedida via skype a Luiz Arthur Silva de Faria em 06 de setembro de 2013.

LATOIR, Bruno, 2000, Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo, UNESP.

LENZA, Lenissa, 2013. [Sobre os Cards e o Fora do Eixo]. Entrevista concedida via skype a Luiz Arthur Silva de Faria em 06 de setembro de 2013.

MOEDA do Fora do Eixo ilustra desafios de 'alternativas' ao dinheiro. 23 de agosto de 2013. Disponível em <<http://foradoeixo.org.br/2013/08/23/moeda-do-fora-do-eixo-ilustra-desafios-de-alternativas-ao-dinheiro/>> . Acesso em 02 set 2013.

PRODUÇÃO Produção cultural em redes - Projeto investe em cultura digital e prepara terreno para o conhecimento livre. 11 de janeiro de 2013. Disponível em <<http://revistaforum.com.br/blog/2013/01/producao-cultural-em-redes/>>. Acesso em 02 set 2013.

PROGRAMA BANCO Fora do Eixo 2013. Disponível em <https://docs.google.com/a/foradoeixo.org.br/document/d/1fGp4BB3-HThPUoBqkhyX07Zaz07nEmW_y2IPLC20HvA/edit> . Acesso em 10 set 2013.

TORTURRA, Bruno, 2013 [Sobre o Mídia Ninja e o Fora do Eixo] Entrevista ao Brazilianas.org . Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=aB1hnrRWT_4> . Acesso em 10 set 2